

# 7ª EDIÇÃO EXPERIÊNCIAS NEGRAS

Em 2018, a partir das investigações de Jordana Braz e Luciara Ribeiro, então educadoras do Instituto Tomie Ohtake, o Experiências Negras surgiu como uma iniciativa de promoção da diversidade e da luta contra o racismo, comprometendo-se com a educação antirracista e discutindo a presença e o fazer das pessoas negras dentro das instituições de arte. Desde então, o programa avança em suas proposições e intenções, e é fundamental olhar para ele a partir do papel das instituições culturais e da sua influência no estabelecimento de valores sociais.

Instituições são núcleos-base da sociedade e da sociabilidade; elas constituem a cidadania por meio de aprendizagens que extrapolam os mecanismos da educação. Uma instituição é sempre um local de produção de saber e de sistemas que podem corroborar ou desafiar valores sociais. Assim, como poderia uma instituição cultural no Brasil não refletir, questionar e querer transformar a condição racista da formação da nossa sociedade?

O grande mestre e estudioso da cultura negra Muniz Sodré declara, em seu livro *Claros e escuros* (1999, p. 15), que “nenhum valor é neutro, pois espelha as convicções e as crenças de um sistema particular – é uma significação já estabelecida. Não basta, assim, afirmar a evidência da multiplicidade humana. A percepção da diversidade vai além do mero registro das aparências, pois o olhar, ao mesmo tempo em que percebe, atribui um valor e, claro, determinada orientação de conduta”.

Não basta perceber a diversidade, é preciso conferir valor a ela. Em tudo que é Brasil há a presença das culturas negras, indígenas e europeias. Ainda que massacrados violentamente, povos negros e indígenas foram sábios e resistentes ao criarem modelos ritualísticos e linguagens que preservassem suas possibilidades de gerar sentido para a vida. Se não fosse essa luta, muito do que conhecemos como “cultura nacional” não existiria – do samba ao arroz com feijão; da engenharia mineradora aos festejos; da literatura à música popular brasileira.

Dessa forma, o Instituto Tomie Ohtake – fundado por uma família de imigrantes da diáspora asiática – não poderia deixar de cumprir sua missão de experienciar e propiciar experiências que travem novas lutas e façam circular o axé (esse conceito tão belo e poderoso da cultura nagô que é energia, campo ativo, princípio dinâmico de comunicação).

A cultura é um modo de relacionamento com o real, como também nos ensina Muniz Sodré. E a realidade é o conjunto aberto de contradições e pontos de vista divergentes que coabitam e constituem o mundo.

Se o nosso real é também racista, precisamos nos relacionar com ele e abrir possibilidades de abolir verdades absolutas; precisamos desestabilizar paradigmas opressores e ajudar a construir novas regras para o jogo dançante da vida humana. Para isso, existem o Experiências Negras e também cada ação da nossa instituição cultural. E, se for com alegria, a potência aumenta, e isto também nos ensina o povo negro: a alegria de pensar e de imaginar juntos.

Convocamos, então, a alegria de pensarmos juntas e juntos, e de traçarmos uma trama alternativa e ensaística de saberes e práticas capazes de restaurar, reparar e reimaginar mundos de forma coletiva.

Agradecemos ao Ministério da Cultura, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), e ao Nubank, mantenedor do Instituto Tomie Ohtake, que viabilizaram a realização do Programa Experiências Negras em parceria com a Casa Sueli Carneiro.

**Instituto Tomie Ohtake**

# EXPERIÊNCIAS NEGRAS: REPLANTAR HISTÓRIAS

O programa Experiências Negras nasce do compromisso com a urgência de revisitar memórias, tensionar estruturas e reconfigurar os espaços de arte como territórios de escuta, presença e reconstrução. Num país onde o racismo estrutura não apenas o cotidiano, mas também o campo simbólico, é fundamental reconhecer que a arte – como linguagem, mercado e forma de produção de conhecimento – historicamente colaborou para a difusão das lógicas coloniais e racistas que ainda hoje nos atravessam.

Fundado pelas educadoras Jordana Braz e Luciara Ribeiro, o programa tomou forma em 2018, no Instituto Tomie Ohtake, como uma proposta de enfrentamento e transformação dentro de uma instituição cultural. Da primeira à sétima edição, ocupou-se de mesas, rodas de conversa e trocas potentes em torno da presença e da atuação de corpos negros nos espaços de arte e cultura, criando um lugar seguro de escuta e de afirmação.

Como disse a pesquisadora Gleyce Kelly Heitor a respeito do programa, em 2021, “pensar um projeto de descolonização para museus, centros culturais e as artes passa, portanto, por rever as origens dessas estruturas: quão responsáveis elas são com a produção simbólica de sujeitas e sujeitos precários? Como as teorias racistas formuladas nos e a partir dos museus sustentam, ainda hoje, decisões de inclusão e exclusão social? Mapear os caminhos para a transformação dos museus e dos circuitos de arte em estruturas mais equânimes passa por tentarmos refletir cotidianamente sobre essas perguntas”.

A partir de 2024, o projeto se reinventou e ampliou seu campo de ação ao incorporar de forma mais direta a educação como eixo estruturante de suas ações, em celebração aos vinte anos da promulgação da Lei 10.639/03 – que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas do ensino fundamental e médio. Essa virada aponta para a necessidade de fortalecer práticas formativas que articulem arte, memória e saberes afro-diaspóricos no cotidiano escolar e nos espaços educativos, propondo a arte como aliada fundamental no processo de reconstrução das nossas narrativas como povo.

Iniciada em 2024, e finalizada em 2025, a sétima edição do Experiências Negras abordou o letramento racial para formadores das primeiras infâncias a partir de três eixos: Palavra, Imagem e Infâncias. Com uma programação abrangente que incluiu cursos, oficinas e vivências, em parceria com profissionais da educação e diversos convidados especializados na área, o objetivo da edição foi proporcionar uma oportunidade única para formadores e interessados em geral se aprofundarem no entendimento e na prática do letramento racial, especialmente no contexto das primeiras infâncias.

No eixo Palavra, o programa buscou abordar a palavra como matéria de enunciação dos saberes afro-diaspóricos e de estímulo a uma agenda antirracista, de modo a fomentar diálogos entre profissionais da arte, cultura e educação. No eixo Imagem, a proposta foi oferecer um espaço para que o público se conectasse com artistas, pesquisadores e práticas artísticas e formativas que provocassem reflexão sobre as representações negras na sociedade, colocando em diálogo as criações ao longo da história da arte e as produções e organizações coletivas negras contemporâneas. Por fim, o eixo Infâncias se dedicou a pensar como a educação pode ser ferramenta poderosa na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Foram discutidas práticas pedagógicas inclusivas, políticas educacionais antirracistas, a urgência da decolonialidade e o papel transformador que cada indivíduo pode desempenhar nesse processo.

Nas páginas deste jornal, feito a muitas mãos, trouxemos algumas das vozes que, de diferentes maneiras, cruzaram os caminhos da sétima edição do Experiências Negras. A contadora de histórias e pesquisadora das oralituras Mafuane Oliveira traz uma reflexão-convite sobre o que significa letramento racial, envolvendo o cuidado e a afetividade nas narrativas criadas e nas memórias compartilhadas na primeira infância. Já a artista Vanessa Soares, em um diálogo com sua mestra Maria Ignez de Souza Calfa, nos estimula a procurar novas maneiras de elaboração do corpo no mundo como forma de reconfigurar os fundamentos educacionais.

Pensando em como as histórias daquelas e daqueles que vieram antes de nós transformam, de forma substancial, os caminhos pelos quais andamos, a pesquisadora graduada em Letras Abigail Fabiano nos traz a história da pequena lalê, que nos encanta na mesma medida em que nos faz olhar para a beleza guardada em nós mesmos. A narrativa de lalê, a exemplo de tantas outras infâncias negras, é enriquecida com a leitura carregada de afeto e de sensibilidade do ilustrador e designer Edson Ikê, que, a partir de uma escuta cuidadosa, representou em imagem a descoberta da pequena menina que amava o brilho dos olhos. Por fim, a relação entre palavra e imagem, e entre memória e oralidade, segue presente no pequeno glossário Adinkra, que traz o significado e as narrativas dos símbolos que habitam a identidade visual desta edição do programa.

Mais do que um programa, o Experiências Negras é uma convocação: um chamado para que os espaços culturais assumam seu papel na luta antirracista e reconheçam a centralidade dos saberes negros na construção de futuros mais justos. Porque a memória é uma matéria viva – e com ela replantamos a história com outras mãos, outras palavras e outros horizontes.

**Mariana Per**  
Gerente de Educação do Instituto Tomie Ohtake

No ano de 2023, quando a Lei 10.639/03 completou vinte anos, observamos em todo o Brasil debates públicos a respeito de sua aplicabilidade, já que ela obriga o ensino de culturas e histórias afro-brasileiras em todos os estabelecimentos de educação do país. Os caminhos para desenvolver atividades que unam educação e racialidade vão muito além da definição mais comum de letramento racial como um conjunto de práticas pedagógicas cujo objetivo é conscientizar sobre a estrutura e o funcionamento do racismo na sociedade. Mais do que praticar uma abordagem que instrumentalize as pessoas a reconhecerem e criticarem atitudes racistas, é necessário criar espaços de combate e prevenção dessas violências em nosso cotidiano, além de tratar paralelamente seus efeitos nocivos, que passam pelas práticas de apagamento das histórias que não são contadas.

Em meu cotidiano como contadora de histórias e pesquisadora das oralituras e culturas de infância, tenho convidado minhas companheiras/os educadoras/es a sular o entendimento de letramento racial, envolvendo também o afeto e o cuidado com as narrativas que contamos e com as memórias que criamos na primeira infância, tão importantes nas relações educacionais e no desenvolvimento dos indivíduos até a fase adulta.

O trabalho de letramento racial que tem como fio condutor a prática de narrar histórias, considerando as *oralituras* e *escrevivências* da população negra, pode ser uma resposta ativa e transformadora às violências estruturais e emocionais. Em contextos afrorreferenciados, entendemos que as emoções e o afeto são algo revolucionário. Deixar-se afetar pelo cuidado com as memórias e histórias negras, mais do que um ato político, é também a possibilidade de se humanizar. Nesse processo, a escuta e a oralidade são tão fundamentais quanto a literatura. A equidade na oferta dessas duas práticas, assim como a diversidade dos enredos que são partilhados em contextos educacionais, é fundamental para que educadoras/es atuem como mediadoras/es no diálogo entre escola, instituições culturais e as diferentes vozes da sociedade brasileira. Reconhecer e integrar o universo da tradição oral, os valores civilizatórios afro-ameríndios e as perspectivas desses diferentes grupos sociorraciais na educação pode ser o começo de um caminho de alternativas que estabeleçam contrapontos ao modelo escolar hegemônico e eurocêntrico, cuja premissa é criar hierarquias entre a escrita e a oralidade.

A prática de contar histórias oralmente pode ser uma ótima aliada e deve ocorrer paralelamente à leitura e à escrita nos ambientes educacionais desde a primeira infância. Além de promoverem diferentes habilidades socioemocionais e cognitivas, as narrativas orais também podem amenizar as lacunas das contribuições de populações negras nos livros didáticos e paradáticos, e até mesmo nas histórias familiares. Ao apresentarmos personagens e histórias diversas, tanto na literatura quanto nas narrações de histórias, podemos ajudar a construir uma imagem mais plural e realista das infâncias e do mundo, contribuindo para que as crianças se reconheçam e também respeitem e valorizem as diferentes identidades e vivências socioculturais, independentemente de raça, classe ou gênero.

No entanto, é importante lembrar que as práticas de narração de histórias e a literatura infantil não são neutras, e que os livros que chegam às mãos das crianças são selecionados e produzidos por pessoas adultas, mediadoras/es e educadoras/es que têm as próprias perspectivas e valores. Por isso, é fundamental que leitoras/es adultas/os, tanto educadoras/es quanto familiares, tenham acesso a obras que contribuam com seu letramento racial e com a aquisição de recursos para que possam fazer uma curadoria de histórias, tanto literárias quanto orais, que não sejam informadas apenas pela reprodução do que lhes foi ofertado na própria infância ou das subjetividades que fazem parte de seus afetos.

Para equilibrar essa balança entre conteúdos afetivos e conteúdos afrorreferenciados nas rodas de conversa e nas formações com educadoras/es, tenho partido da apresentação das *escrevivências* – conceito criado por Conceição Evaristo que define uma escrita enraizada nas experiências vividas, sobretudo pelas mulheres negras. Ao lado da prática da “escrita de si”, em que cada participante escreve uma pequena autobiografia, essas abordagens despertam memórias de infância, promovem encontros simbólicos entre gerações e ampliam reflexões sobre diferentes infâncias, não apenas entre docentes, mas de toda a comunidade escolar. A partir das experiências pessoais, é possível preencher lacunas históricas com palavras e pensamentos de intelectuais e ativistas do movimento negro no Brasil. Também nos nutrimos das provocações de Leda Maria Martins, que, por meio do conceito de *oralitura*, nos leva às cantigas dos reinados e aos valores civilizatórios afro-brasileiros que envolvem a musicalidade, a oralidade e a performance. Acionamos memórias coletivas e reinventamos modos de transmissão de saberes, em que corpo, fala e ludicidade constroem conhecimento sem hierarquizar ou excluir sua seriedade. Ao africanizar e sular nossas práticas pedagógicas, compreendemos que é possível tratar temas sensíveis com leveza e profundidade, sobretudo na criação de narrativas para as infâncias.

# EQUIDADE DE NARRATIVAS PARA TODAS AS INFÂNCIAS!

Mafuane Oliveira

Quando o letramento racial se desenvolve a partir da “pedagogia da experiência”, que valoriza as histórias e memórias que contamos sobre nós e sobre “o outro”, profissionais da educação podem se engajar na formulação de currículos e práticas educacionais a partir de um olhar amefricano, como diria a ativista, escritora e educadora Lélia Gonzalez – ou seja, que tenham como base saberes afro-indígenas, em contraponto aos efeitos nocivos da dominação colonial.

Esperamos que as reflexões geradas a partir da equidade de narrativas considerem que, ao pensar em letramento racial na educação infantil, é importante ter em vista, e como prioridade, o cuidado com as memórias negras em seus diversos sentidos e formatos. Isso envolve valorizar as lutas protagonizadas por pessoas negras, criando espaços de liberdade, cuidado e resistência tanto para adultos quanto para as infâncias. Cuidar das memórias é responsabilidade de todas as pessoas que estão envolvidas no processo de educação institucional (escolas, universidades e cursos técnicos), mas também dos profissionais que desenvolvem ações de mediação e produção cultural (museus, centros culturais, bibliotecas e ONGs), independentemente do pertencimento étnico-racial de cada indivíduo.

#### Referências

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, Jan./Jun. 1988.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

OLIVEIRA, Mafuane Silva de. *Oralituras amefricanas: percursos e (po)éticas afro-brasileiras para contar histórias*. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2023.

OLIVEIRA, Mafuane Silva de. *Preservar a memória negra é um ato político*. Fundação Rosa Luxemburgo Brasil e Paraguai. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://rosalux.org.br/preservar-a-memoria-negra-e-um-ato-politico/>. Acesso em: 6 out. 2023b.

OLIVEIRA, Mafuane Silva de. Enfrentamento ao racismo na literatura infanto-juvenil: diálogos entre Nilma Lino Gomes, Beatriz Nascimento e bell hooks. In: AMORIM, Cleyde Rodrigues et al (Orgs.). *Doma: saberes negros e enfrentamento ao racismo*. Rio de Janeiro: Telha, 2023c.



# LA PETITE IALÊ

Il était une fois une petite fille noire comme une nuit d'hiver. Cette petite fille s'appelait Ialê.

Ialê aimait tout ce qui brillait : le soleil, la lune, les étoiles et même les yeux. La petite était passionnée par l'éclat des yeux – les siens et ceux des autres personnes.

Un jour, la meilleure amie d'Ialê ne voulut plus jouer avec elle et, de tristesse, l'éclat de ses yeux s'éteignit. Mais comme Ialê ne pouvait pas vivre de cette façon, elle se mit à la recherche de personnes aux yeux brillants, demandant toujours de l'aide pour découvrir ce qui les faisait briller autant. Ialê savait qu'il y avait toujours quelque chose qui faisait briller les yeux des gens, et elle devait découvrir ce que c'était.

Parfois, Ialê trouvait l'éclat dans les yeux des gens, et d'autres fois non. Mais lorsque cela arrivait, elle ne se sentait pas triste ; au contraire, elle repartait à la recherche de l'éclat qu'elle admirait tant.

Partout où Ialê allait, elle cherchait la raison de l'éclat des yeux – soit dans les petites choses du quotidien, soit dans les grands événements.

Ialê a beaucoup cherché, mais elle ne trouvait pas de réponse chez les autres. Fatiguée de chercher, elle s'arrêta un instant et réalisa que son cœur, en battant, faisait un bruit semblable à celui de la musique.

Elle ferma les yeux pour mieux entendre et resta un moment à écouter le chant de son cœur. Ce chant était si joyeux qu'il lui laissait un énorme sentiment de bonheur.

Quand Ialê ouvrit les yeux et se tourna vers le miroir de sa chambre, elle remarqua que ses yeux avaient retrouvé l'éclat des étoiles. Pleine de joie, Ialê se sentit aussi belle qu'une nuit étoilée.

À partir de ce jour, Ialê cessa de chercher la raison de l'éclat des yeux des autres, car elle savait que cet éclat était en elle-même, et ne dépendait que d'un cœur heureux.

Ainsi, elle vécut en écoutant attentivement le chant de son cœur, pour toute sa vie.

**Abigail Fabiano**

# A PEQUENA IALÊ

Era uma vez uma pequena menina negra como uma noite de inverno. Essa pequena menina se chamava Ialê.

Ialê amava tudo o que brilhava: o Sol, a Lua, as estrelas e até mesmo os olhos. A pequena era apaixonada pelo brilho dos olhos – dos seus e das outras pessoas.

Um dia, a melhor amiga de Ialê não quis mais brincar com ela e, de tanta tristeza, apagou-se o brilho em seus olhos. Mas como Ialê não podia viver daquela forma, começou a procurar pelas pessoas que tinham olhos brilhantes, sempre pedindo ajuda para descobrir o que trazia tanto brilho. Ialê sabia que sempre havia algo que fazia os olhos das pessoas brilharem, e ela precisava descobrir o que era.

Algumas vezes, Ialê encontrava o brilho nos olhos das pessoas e, muitas outras vezes, não. Mas, quando isso acontecia, ela não ficava triste; pelo contrário, saía novamente a procurar o brilho que tanto admirava.

Por onde Ialê passava, o motivo da luminosidade dos olhos ela procurava – tanto nas pequenas coisas do dia a dia quanto nos grandes acontecimentos.

Ialê procurou muito, mas não encontrou nenhuma resposta com as outras pessoas. Cansada de procurar, ela parou por um momento, e percebeu que seu coração, ao bater, fazia um barulho parecido com o movimento de uma música.

Ela fechou os olhos para escutar melhor, e ficou por um tempo ouvindo o canto de seu coração. Esse canto era tão alegre que a deixou com uma sensação enorme de felicidade.

Quando Ialê abriu os olhos e se voltou para o espelho de seu quarto, percebeu que seus olhos tinham, novamente, o brilho das estrelas que sempre tiveram. Cheia de alegria, Ialê se sentiu tão bela quanto uma noite estrelada.

Desde esse dia, Ialê parou de procurar o motivo do brilho nos olhos das outras pessoas, pois sabia que esse brilho estava dentro dela mesma, e dependia apenas de um coração feliz.

E, assim, ela viveu a escutar com cuidado o canto de seu coração, por toda sua vida.

**Abigail Fabiano**





Dizem as vozes que correm com o vento que, num tempo em que todas as histórias pertenciam apenas a Nyame, o deus do céu do povo Akan (originário de Gana e da Costa do Marfim), o ser-aranha Ananse decidiu conquistá-las para compartilhá-las com o mundo. Para isso, precisou cumprir uma missão quase impossível dada por Nyame: capturar um leopardo feroz, uma jiboia imensa, um enxame de vespas e um espírito invisível. Embora fosse um pouco atrapalhado, Ananse conseguiu cumprir a missão, com astúcia e a ajuda de sua esposa, Aso. Nyame, admirado, entrega a ele todas as histórias da humanidade. Desde então, Ananse é considerado o pai das histórias – aquele que fez com que o conhecimento deixasse de estar preso no céu para se espalhar entre as pessoas. É por isso que, hoje, todos podem carregar consigo um pedaço da sabedoria contida nas histórias.

Assim como Ananse, que ousou tocar o inacessível, Abigail Fabiano também atravessou um caminho de descoberta – e transformou sua história em palavra partilhada. Sua trajetória, assim como a de sua personagem, lalê, nos fala sobre o direito de sonhar, de saber e de ocupar espaços aos quais, durante tanto tempo, nos disseram que não podíamos pertencer.

A história de Abigail se parece com muitas que já ouvimos. É mulher negra, de uma família de nove irmãos, e não concluiu o ensino básico na idade regular. Estudou apenas os anos iniciais em uma escola pública de um bairro chamado Vila Palmares, em Santo André, na Região Metropolitana de São Paulo. Foi lá que, ainda menina, ouviu de sua professora que a Universidade de São Paulo (USP) era “um hospital para pobres”. Foi assim que a professora apresentou uma universidade pública para uma turma de alunos periféricos. Ela se referia ao atendimento prestado pela universidade a pessoas de baixa renda em clínicas-escola, mas o que deveria ser entendido como uma política pública de formação e cuidado foi comunicado como um limite. A mensagem implícita era clara: “a universidade pública não é para você”.

Tornou-se adulta acreditando que o ensino superior era privilégio dos poucos que podiam pagar, e que tinham nascido no “lugar certo”. Aos 35 anos, já mãe de três filhas, com um casamento estável, Abigail descobriu que a USP era uma universidade pública e, portanto, não era preciso pagar para estudar ali: bastava apenas se preparar e prestar uma prova, que daria acesso ao ensino superior.

Anos depois, encorajada, participou da primeira fase da prova da Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular, que realiza anualmente as provas de admissão), e passou. O medo de realmente ocupar esse lugar, porém, a impediu de seguir para a segunda fase. O desejo era grande, mas os fantasmas eram ainda maiores.

Alguns anos se passaram e ela decidiu tentar de novo. Fez o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), foi aprovada em algumas universidades e escolheu, junto com o companheiro, ingressar no curso de Letras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com especialização em francês, uma língua que a seduzia havia muitos anos e que, naquele momento, ela escolheu como morada e caminho de expressão. É nessa língua que escreveu, pela primeira vez, a história que agora chega ao público.

Me lembro de uma fala do *griot*, ator e *djéli* Sotigui Kouyaté – talvez lida num livro, talvez ouvida em roda – que dizia que é preciso caminhar com uma história por pelo menos dez anos para, de fato, ter intimidade com ela. Essa repetição não é insistência no mesmo, mas a chance de ver com outros olhos, de escutar camadas novas, de ser outra no percurso. É sob essa égide que partilho a história de Abigail, cuja repetição se faz necessária embora tenha sido ouvida várias vezes por ser tão comum às mulheres negras.

O movimento negro – esse grande educador, como afirma a pedagoga Nilma Lino Gomes – disse e continua dizendo muito sobre a importância da presença negra, da representatividade, do acesso. Ainda precisamos repetir, pois é nessa repetição que nos transformamos, que tocamos outras pessoas e que atravessamos novas gerações. É o que fazemos no papel de educadoras e educadores: repetimos não para cansar, mas para aprofundar, para construir chão, para preparar o voo.

Pensar o direito à educação de qualidade é garantir o direito de escolha do lugar que ocupamos no mundo. Quando uma pessoa negra, periférica, mulher, mais velha acessa o ensino superior, não estamos apenas diante de uma conquista individual, mas de um gesto coletivo, de uma ruptura simbólica.

Como educadora, reconheço muitos cruzamentos com a história de Abigail. Ela se conecta com o projeto de formação de Mafuane Oliveira, com o trabalho de Vanessa Soares, com a busca de lalê e com a natureza formadora do programa Experiências Negras. A presença negra em todos os espaços – mas, principalmente, naqueles de formação – é, por si, um gesto político que rompe cercas e ressignifica o mundo.

Não foi fácil para Abigail ocupar o espaço de uma universidade pública, assim como não é fácil para muitas e muitos outros. Mas é nesse enfrentamento que nasce uma nova forma de existir e de produzir conhecimento. Acessar o ensino superior não é apenas ter acesso à informação, é conquistar uma nova forma de compreender-se como pessoa, potência, sujeito histórico e produtor de saber. É isso que lalê procurou e encontrou, e é isso que Abigail faz ao escrever, ao contar, ao encantar.

E é com esse encantamento – agora enraizado e maduro – que Abigail, aos 55 anos, escreve sua história, primeiro em francês e depois em português, para que outras também possam se ver e se encantar consigo mesmas.

# ZOMBARIA:

## CARTA-OBRA PARA UMA MESTRA (E OUTRAS TANTAS)

São Paulo, 2025

Querida mestra,

Escrevo esta carta movida por desejo, memória e persistência. Ela nasce da observação do corpo: é uma resposta, uma homenagem, uma partilha.

Em novembro de 2024, cheguei com *Zombaria* ao Instituto Tomie Ohtake para uma vivência em formato de oficina com práticas de movimento, dentro do programa Experiências Negras.

Uma sala aberta, um espaço acolhedor ao corpo: comidas, folhas, giz de cera, uma caixa de som, eu e um grupo de pessoas – todas disponíveis para a criação. Começamos olhando para o destino e para as partes escondidas do corpo. Um exercício de ver o que não está visível. Olhamos o céu da boca! Um gesto de convocar o oculto. Dançamos, como quem se coça, uma dança de ativação do desejo.

A música alta cortava o espaço. Me disseram: “Isso não é música de museu” – e talvez por isso mesmo ela vazava, atravessava as paredes, contaminava o ambiente, os quadros, os funcionários. Todos ouvindo Lambaia, o Cafajeste da Lambada. Com as portas abertas, caminhamos, atravessamos o espaço e carregamos girassóis. Coisa linda de ver... girassóis colorindo um dia cinza, perfurando o concreto.

Te escrevo esta carta como quem escreve ao corpo – ao que nele insiste. Convoco o tempo, em palavras, e a intimidade que há entre nós. Quero te dizer que foi na insistência e na ação de músculos profundos que cheguei até aqui – teimosa, obsessiva, sem abandonar a procura.

Tenho reunido sinais, pistas, vestígios – como quem tenta mapear o invisível. Cartografias que desestabilizam certezas. Guardo na memória um espelho quebrado com um pedaço de olho refletido, uma bacia de alumínio velha cheia de argila e um pé sujo, enfeitado de húmus.

Mestra, aprendi contigo a remexer quinquilharias. Desde então, venho sondando bilhetes, gestos, sensações e as pequenas bugigangas do corpo: coisas que se escondem sob camadas grossas da pele, que se camuflam por trás de gestos uniformizados, apagando as capacidades de criar outras composições de mundo.

Fui guardando objetos, desenhos, mãos cartografadas, esperanças e memórias. Habitando as coisas, desfazendo-me nelas. Sendo coisa. Como nos ensinou o poeta Manoel de Barros: “Comunicando-me apenas por infusão, por aderências, por incrustações.”

Aprendi também que é preciso observar a crueldade para não repeti-la – ainda mais neste país, onde a educação segue sustentada por práticas opressivas, racistas e violentas. Hoje se discute muito, em espaços de arte e educação, sobre autonomia, respeito às pluralidades, saberes locais, entre outros procedimentos que visam repensar modelos coloniais.

Mas o que, de fato, se faz além dos debates e análises? Onde está o corpo? É nessas perguntas que ouço sua voz ecoar: “**Vanessa, estude para ser livre.**”

E me lembro do seu olhar, do sorriso de canto de boca – aquele gesto silencioso que me dava permissão para perturbar o ambiente, debochando da rigidez acadêmica. Eu podia repetir, descaradamente e de forma divertida, os conceitos básicos da sua pesquisa e, com audácia, transformar tudo em piadas – fazendo dessa repetição um exercício de disponibilidade das minhas propriedades, muitas vezes abafadas por formalidades e regras do aprender.

Era um encorajamento que abria caminhos de pensamento e brechas de frescor em longas tardes de estudos na pequena sala do Laboratório de Arte Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LAE-UFRJ).

Essa relação expandia em mim a compreensão do que é estudar, fazendo disso um exercício intranquilo, carregado de desassossego e provocações.

Era uma experiência que aguçava o entusiasmo de me movimentar em direção à liberdade, como quem ensaia para uma cena sem perceber que já está no palco, com o corpo envolto por gargalhadas, argila, tecidos, poesias, deboches e danças – muitas danças...

Assim nasceu *Zombaria*, conceito trazido das experiências e interseções entre arte, corpo, educação e abolicionismo, em que a gargalhada, a desobediência e o deboche criam portais para outros mundos. Uma dança, uma pesquisa, uma trama de intimidade, criação e desejo, território de acolhimento e de fuga. Um plano de ação construído na constante observação do mundo, nas desobediências, nos erros, nas práticas de movimento e nas elaborações de jeitos para escapar da serventia – uma negociação vital.

Conspiração que me permite atravessar fragilidades e chegar a novas experiências de liberdade.

*Zombaria* é contaminação.

É o jogo que desorganiza comportamentos rígidos e opressivos.

É o que redimensiona escuta, observação e ensino. É também tua voz, repetindo: “**Precisamos transformar o ordinário em extraordinário.**”

Tenho me dedicado a esse exercício: dançando, reboando, gargalhando, escrevendo no corpo e no espaço maneiras de sobreviver.

Aprendendo e fugindo. Construindo e demolindo. Gingando. Desabilitando dos músculos as violências. Criando um mundo novo, coletivamente. Produzindo sonhos de emancipação e fazendo da imaginação um planejamento. Mestra, *Zombaria* é uma trama.

E é por isso que te escrevo por este meio, neste espaço oferecido pelo Instituto Tomie Ohtake.

Ouso dizer: esta carta é também uma obra de arte. Uma dança. Uma travessia.

Eu, você e todas as Experiências Negras – encontros que firmam existências, elaborando e inaugurando rotas que conduzem para uma vida infinita.

Sabe, mestra... depois que fui embora da universidade, levei comigo seus ensinamentos, como quem leva uma bússola. Caminhei muito, e agora volto aqui.

Será que podemos, como professoras, mensurar o tempo que leva para aquilo que ensinamos ganhar espaço de ação no corpo do outro?

Veja o que o tempo fez com a credibilidade que você concedeu às minhas piadas.

Fui rindo e escapando das experiências de terror. Mestra, estou aqui, driblando com delicadeza as barricadas. Fazendo do corpo um estudo para a liberdade. Caminhando, fluindo, errando, beijando, observando... Permanecendo viva – e em estado de correspondência. Ainda tenho tanto pra te dizer...

Mas encerro por aqui, fazendo da pausa um espaço de escuta.

Aguardo tua resposta – e de quem mais quiser compartilhar essa conversa.

Com carinho,  
**Vanessa Soares Fagbunmi**

# ESCREVER, CONTAR, ENCANTAR

Nesta sétima edição do Experiências Negras, quem guia a experiência visual do programa são os Adinkra, cada vez mais difundidos graças a projetos centrados na racialidade. Originários do povo Akan, que habita os territórios hoje ocupados por Gana e Costa do Marfim, os Adinkra são um dos inúmeros sistemas de escrita africanos, composto por símbolos que expressam ideias, conceitos, provérbios e valores culturais. Cada símbolo possui um nome e um significado específicos, transmitindo mensagens visuais de espiritualidade, identidade cultural e sabedoria ancestral.

Para além de uma escolha estética, trazer os Adinkra ao Experiências Negras é uma decisão formativa, no sentido de contribuir para a construção de um pensamento em que a leitura das imagens é tão importante quanto a leitura das palavras. Como certa vez disse a pedagoga Nilma Lino Gomes, a primeira mulher negra a comandar uma universidade pública federal no Brasil, o movimento negro é um movimento educador: nós só chegamos aonde estamos porque formamos, através de nossas lutas, as ações de combate ao racismo.

Hoje, cada vez mais pessoas conhecem os Adinkra devido ao caráter essencialmente formador do movimento negro. Usar essa linguagem, aqui, é se somar, portanto, a um discurso imagético coletivo que é muito maior que o próprio Experiências Negras, e que emerge a partir desse cruzo, tão importante, entre educação e combate à discriminação racial.

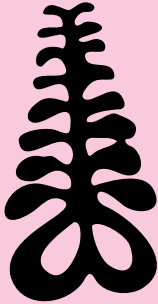
MATE MASIE



“EU GUARDO AQUILO QUE OUÇO.”

Originário de Gana, este Adinkra representa dois pares de olhos abertos, que simbolizam a busca por sabedoria e conhecimento, além da prudência em se considerar, com atenção, aquilo que foi dito por outra pessoa.

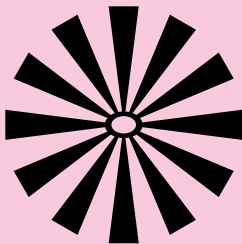
AYA



“SOMOS COMO SAMAMBAIA QUE NÃO DEPENDE DA CARIDADE DA CHUVA OU DO SOL.”

Um dos Adinkra mais conhecidos e difundidos, Aya adota as formas de uma folha de samambaia, planta que cresce nos locais mais adversos. Assim como a samambaia, esse Adinkra representa resistência, força e perseverança.

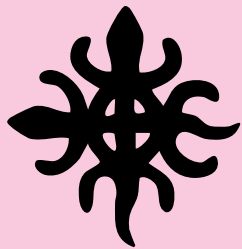
ANANSE-NTONTAN



“A SABEDORIA DA ARANHA É COMO A SUA TEIA, COMPLEXA E INTRINCADA.”

Inspirado no deus Ananse, uma aranha mítica que se tornou uma importante divindade Akan e dona de todas as histórias existentes, este Ananse-Ntontan é uma estilização da teia de aranha, e representa criatividade, sabedoria e as complexidades da vida.

FUNTUMMIREKU  
DENKYEMMIREKU



“DOIS CROCODILOS BRIGAM PELO ALIMENTO QUE VAI PARA O ESTÔMAGO COMUM QUE AMBOS DESFRUTAM NAS SUAS GARGANTAS.”

Este Adinkra reproduz a imagem de um jacaré de duas cabeças, mas com um único estômago. Simboliza a importância da união entre as pessoas independentemente das diferenças, pois o que realmente importa não são os interesses egoístas, mas o benefício comum.

JORNAL EXPERIÊNCIAS NEGRAS

**Realização e Coordenação**  
Instituto Tomie Ohtake

**Textos**  
Abigail Fabiano  
Gabriela Moulin  
Mafuane Oliveira  
Mariana Per  
Vanessa Soares

**Ilustração**  
Edson Ikê

**Edição e Preparação de Textos**  
Divina Prado  
Felipe Carnevalli

**Revisão**  
Isabela Maia

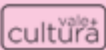
**Projeto Gráfico**  
Catê Bloise  
Paula Lobato  
Tie Ito  
Vitor Cesar

**Impressão**  
Ipsis

**ISBN**  
978-65-89342-56-4

Mantenedor Institucional

Parceria



Apoio de mídia

Realização

ARTE!BRASILEIROS

JCDecaux

Cult

revista piauí

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO